

The background of the cover is a dense, red-toned architectural drawing. It features various buildings, including multi-story houses with gabled roofs, a church with a prominent steeple, and streets with trees. The style is reminiscent of a detailed pen-and-ink sketch or a fine-line print, capturing the essence of the city's urban landscape.

# Blumenau em cadernos

TOMO XXIX

Fevereiro de 1988

Edição 373

## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.  
Companhia Hering  
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos  
Sul Fabril S/A.  
Casa Willy Sievert S/A. Comercial  
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio  
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.  
Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.  
Companhia Comercial Schrader  
Buschle & Lepper S/A.  
João Felix Hauer (Curitiba)  
Madeireira Odebrecht Ltda.  
Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos  
Móveis Rossmark  
Artur Fouquet  
Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.  
Paul Fritz Kuehnrich  
Casas Buerger



# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIX

Fevereiro de 1988

N.º 2

## SUMÁRIO

Página

Subsídios Históricos — Coord. e Tradução: Rosa Herkenhoff ...	34
Canti dei nossi Nonni — Canções de nossos Avós .....	35
Figura do Presente - ERNA BERNHARDT — Gianna M. B. Buatim	36
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	40
Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo — Maria Batista Nercolini .....	42
Aconteceu... — Janeiro de 1988 .....	46
Figuras do Passado - PAULO BATHKE — Paulo B. Filho .....	47
Relatório das atividades do Arquivo Histórico "Prof. J. F. da Silva	52
Episódios históricos de Blumenau — Celestino Sachet .....	56
A História de Blumenau na Correspondência dos Imigrantes ....	58
A Colonização da Região do Itajaí — por José Daeke .....	59
Um ponto a considerar sobre a História da Química no Brasil — Antonio Salvio Mangrich .....	63

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina  
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 números) Cz\$ 70,00 + 30,00 (porte) = 100,00  
Número avulso Cz\$ 10,00 — Atrasado Cz\$ 20,00

Ass. p/o exterior Cz\$ 100,00 mais o porte Cz\$ 20,00 total Cz\$ 120,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L



# Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

## Notícia de 13 de janeiro de 1866:

Dona Francisca. No hospital de Joinville, no ano de 1865, ficaram internados 50 doentes, durante um total de 1.098 dias. Destes doentes, 37 eram habitantes da Colônia e 13 das redondezas. Faleceram 6. As despesas da administração, sem os honorários do médico, importaram em 1.791\$110 Réis, dos quais 158\$720 em objetos de uso, 61\$400 em despesas com enterros, 16\$560 em despesas com aux. de enfermagem, 69\$980 em hospedagem de uma demente, 168\$520 em construções e 1.315\$930 na administração em geral.

A importância recebida de doentes que pagaram o total ou uma parte das despesas, alcançou a soma de 312\$60 Réis, e portanto a despesa líquida da direção da Colônia importou em 1.478\$450.

## Notícia de 24 de fevereiro de 1866:

Dona Francisca. — Estatística do ano de 1865: O número de habitantes foi de 4.275, sendo 680 católicos e 3.595 protestantes. A Colônia conta com: 12 funcionários, 3 pastores, 5 professores, 3 professoras, 3 parteiras, 2 médicos, 1 médico cirurgião, 2 farmacêuticos, 1 coveiro, 21 negociantes, 1 livreiro, 5 padeiros, 2 confeiteiros, 3 cervejeiros, 5 hoteleiros, 7 açougueiros, 15 alfaiates, 16 sapateiros, 3 seleiros, 17 marceneiros, 4 tanoeiros, 8 segeiros, 2 torneadores, 10 construtores de moinhos e máquinas, 3 construtores de navios, 14 carpinteiros, 10 pedreiros, 1 telhador, 2 ceramistas, 4 oleiros, 7 ferreiros, 2 seralheiros, 1 funileiro, 1 caldeireiro, 2 relojoeiros, 1 fabricante de sabão, 1 cordoeiro, 2 cesteiros, 6 charuteiros, 6 chapeleiras e modistas, 2 encadernadores, 1 jardineiro, 1 fotógrafo, 1 impressor, 1 tipógrafo, 18 carroceiros e 7 barqueiros. Construções: 638 casas de moradia, 844 construções acessórias e 46 fábricas. Estabelecimentos agropecuários e industriais: 41 engenhos de farinha-de-mandioca, 30 de açúcar, 6 de araruta, 4 de arroz, e 3 de milho, 4 serrarias, 2 prensas de óleo, dos quais 46 são manuais, 23 movidos por tração animal, 16 movidos a força hidráulica e 5 a vapor. Além destes existem: 4 curtumes, 5 clarias, 1 cerâmica, 1 tipografia, 3 fábricas de cervejas, 3 de aguardente e 2 de vinagre. Existem 112 carroças de 4 rodas e 25 arados. Pecuária: 400 cavalos, 23 potros, 4 mulas, 827 vacas, 91 bois, 512 bezerros, 2.099 porcos, 75 cabras, 60 ovelhas, 11.662 aves (galinhas, marrecos, etc.) e 276 colméias de abelhas. Agricultura: 250 morgos de cana-de-açúcar, 1.272 de mandioca e aipim, 529 de arroz, 143 de araruta, 201 de tabaco, 969 de batatas, 1.030 de milho, 250 de feijão, 12 de frutos oleosos, 2 de plantas têxteis, 2 de lúpulo, 127 de capim



e 3.947 de pasto. (Um morgo colonial compreende 500 braças quadradas). Além disso existem 67.669 pés de café e 12.980 árvores frutíferas.

A importação no ano de 1865 foi de cerca de 167.000\$000 Réis e a exportação, no que foi possível apurar, foi de 94:383\$000 Réis, isto é: tabacos e charutos 10:720\$000, polvilho de araruta 4:200\$000, arroz, manteiga, ovos e outros produtos agrícolas 10:902\$000, madeiras e tábuas 35:244\$000, carroças 1:340\$000, couros e peles 4:202\$000, vestimentas, impressos, trabalhos de seleiros, móveis e outros artigos de indústrias: 29:775\$000.

#### **Anúncio publicado a 2 de setembro de 1865:**

Tem início hoje, na casa paroquial protestante, o curso particular no qual se lecionam, além do curso elementar, as seguintes línguas: português, alemão, francês e inglês. Aceitam-se matriculas igualmente para um curso noturno para adultos a ser inaugurado. Informações em minha residência. Joinville, 1.º de setembro de 1865. J. Müller.

---

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

---

## CANTI DEI NOSSI NONNI

(Canções de nossos Avós)

Com uma comovente dedicatória, recebemos neste mês de fevereiro, o livro de Canções Italianas intitulado "Canti dei nossi Nonni" Canções de nossos Avós. O livro é de autoria do Padre Victor Vicenzi, abalizado pesquisador e historiador, que muito tem feito em favor da memória histórica da região do Vale do Itajaí, especialmente de Rio dos Cedros, sua terra natal. O apresentador do livro, Pe. Dr. Mário Bonatti, diz em alguns tópicos de seu texto: "O que o Pe. Victor Vicenzi acaba de realizar, deveria ser também financiado pelo alto significado que representa. O que hoje se publica é uma coleção de cantos do folclore do imigrante italo-trentino, que além das palavras, apresenta a música, coisa importante para a conservação da melodia." Mais adiante, o apresentador conclui: "Esta obra do Pe. Victor Vicenzi, está contribuindo de uma maneira significativa na preservação da letra e especialmente da música. Propicia aos jovens de hoje e aos de amanhã a oportunidade de tocar e cantar as canções de nossos antepassados, revivendo a época da imigração italo-trentina".

Somos gratíssimos ao prezado amigo e colaborador Pe. Victor Vicenzi pela remessa de seu livro, o qual, com o maior destaque, passa a pertencer ao acervo da Biblioteca desta Fundação, para que todos os interessados possam manuseá-lo e de suas páginas tirar fotocópias, levando as letras e as músicas destas canções para seus lares.

---

### **VOCÊ SABIA?**

— QUE o atual município de Acurra, teve, primeiramente seu distrito inaugurado no dia 27 de agosto de 1933 e que seu primeiro intendente foi o sr. Florindo Isolani?



## **ERNA BERNHARDT**

É com muito prazer que apresento este trabalho, com a finalidade de mostrar, em poucas palavras, a vida da Sra. Erna Bernhardt, uma vida cheia de alegrias, emoções, lágrimas, e acima de tudo uma doce recordação.

GIANNA M. B. BUATIM



Erna Rosina Elisabete Wegner nasceu no dia 22 de dezembro de 1907, na cidade de Joinville.

Os pais chamavam-se Frederico Augusto Wegner e Marta Kneipel Wegner e, seu irmão mais jovem, Eugênio Wegner.

O pai trabalhava no curtume e fundição, e, mais tarde, veio a ser chofer de táxi. A mãe, para ajudar na despesa da casa, trabalhava num colégio como servente, mas durou pouco tempo, e resolveu dedicar-se inteiramente ao serviço doméstico.

Com 7 anos de idade, Erna entrou para o Colégio Católico Divino, e cursou o ginásio até a oitava série. Não teve oportunidade de continuar os estudos, porque na época não havia um curso superior na cidade. Mas a vontade de aprender não parou. Aprofundou-se nos conhecimentos culturais, lendo livros e revistas, e aprendeu também a costu-

rar. E com 17 anos de idade aprendeu também a arte de pintar, revelando assim uma admirável vocação artística, passando a produzir, com o seu invejável talento, lindos quadros em que a paisagem sempre se acentuava.

Quanto à sua vida amorosa, com 15 anos Erna conheceu seu primeiro namorado, de nome Eugênio Ravache, cujo romance durou dois anos.

Durante essa fase da adolescência, teve muitos pretendentes, justamente por ser uma jovem de grande porte, era muito bonita, de uma beleza serena e cativante e, por isso, era muito requisitada em bailes e festas. Erna queria apenas se divertir, aproveitando a sua juventude.

Em casa, o pai era muito severo e nunca deixava a filha sair sozinha; sempre que saía, os pais ou tios a acompanhavam.

Erna fez algumas viagens curtas, como a São Francisco, São Bento do Sul, Rio Negrinho e Jaraguá. A viagem mais longa que fez na época, foi a Curitiba, onde afinal conheceu o então jovem Ewaldo Bernhardt, seu futuro marido.

**CIA. HERING** O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.



Tudo aconteceu no dia 17 de maio de 1927. Erna saiu de Joinville rumo a Curitiba, viajando por via férrea, destinando-se a permanecer alguns meses na casa de seus tios. Na estação de Hansa, ela foi tomar um copo de leite e foi naquele momento que se encontrou com um jovem que lhe despertou logo grande simpatia e que lhe falou:

— A senhorita está servida com uma tangerina? — Ao que ela respondeu:

— Não, muito obrigada, pois acabei de tomar um copo de leite.

A viagem prosseguiu e, somente ao passarem por Rio Negrinho é que tiveram o primeiro diálogo, já que descobriram que ambos viajavam com o mesmo destino, ou seja, Curitiba. Fizeram a baldeação em Mafra e, juntos, foram tomar assento num vagão de outro trem.

Durante a viagem, Ewaldo não se conteve e, acabou tomando a mão de Erna, ao que ela não permitiu, dizendo ao rapaz que eles não se conheciam o suficiente para que ele tomasse tal atitude. Mas, o jovem Ewaldo estava mesmo, empolgado com a simpatia de Erna. Por isso, pedindo-lhe desculpas pelo atrevimento, rogou a ela que lhe desse ao menos uma sua fotografia, ao que ela também recusou. Assim mesmo, continuaram em diálogo amistoso até que chegaram a Curitiba, o que aconteceu às 20 horas. Lá estava sua tia a esperá-la. Os dois despediram-se e foram cada um para a sua direção.

A tia de Erna chamava-se Francisca Endler e o tio, Romen Endler, o qual trabalhava com artefatos de couro. Chegando em casa da tia, cumprimentou todos

os parentes que ali encontrou, sentindo-se à vontade. Todavia, como era uma pessoa muito sensível à saudade, começou, pouco depois, a chorar, porque as saudades da casa e de seus familiares começaram a apertar-lhe o coração.

Os dias foram passando e Erna tinha o propósito de logo regressar a Joinville. Mas acabou se habituando com os tios, permaneceu em Curitiba cinco meses.

Durante os três primeiros meses que estava em Curitiba, não viu mais Ewaldo. Todavia, num feriado, ela, sua tia Francisca e sua prima Lúcia foram a um "Dancing". E, numa dessas danças, Erna viu Ewaldo. Ele a cumprimentou e, na próxima música a convidou para dançar. Após o reencontro naquele baile, eles foram, nos meses seguintes, a muitos outros, passando então a se namorar.

Em outubro Erna regressou a Joinville e Ewaldo ficou em Curitiba. Em cada semana, correspondiam-se fielmente.

No dia 24 de dezembro de 1927, Ewaldo foi especialmente a Joinville para noivar com Erna. Mas, antes de assumirem um compromisso mais sério, Erna preferiu ir a Blumenau para conhecer os seus futuros sogros que chamavam-se Willy e Olga Bernhardt. Após o conhecimento destes, Erna e Ewaldo noivaram, isto no dia 31 de dezembro, mas a festa do noivado só realizou-se no dia 1.º de janeiro de 1929. No dia seguinte, Ewaldo partiu para Curitiba, deixando no coração de Erna muitas saudades. Só depois de muito tempo é que os dois se encontraram novamente durante



apenas um dia, no mês de julho.

Em Curitiba, Ewaldo era mestre numa fábrica de malas, onde trabalhava há oito anos. A casa em que trabalhava, chamava-se "Casa Favorita".

Em 1929, Ewaldo começou a trabalhar em Blumenau, no bairro da Velha, com artefatos de couro.

De três em três meses os dois se encontravam, ela indo a Blumenau ou ele a Joinville.

No dia 4 de outubro de 1930, Erna e Ewaldo casaram-se na Igreja Evangélica de Joinville. Naquele mesmo dia, começou a grande revolução no país.

Após o casamento, foram morar em Blumenau, na rua 15 de Novembro, onde hoje está o Edifício Brasília.

Do casamento de Ewaldo e Erna nasceram Gerd e Ingo, enquanto moravam na rua 15. Mais tarde mudaram-se para a rua Paulo Zimmermann e lá nasceu o terceiro filho, que tomou o nome de Ralf.

Tudo corria muito bem, na família, que viveu anos felizes. Mas, não há felicidade que dure sempre. Por isso, surpreendentemente e prematuramente, faleceu o filho Ralf, o mais jovem, acometido de envenenamento pelo tétano, com a idade de apenas dezesseis anos, deixando muitas saudades.

O filho Gerd casou-se, em 1955, com Christa Völkl, nascida em Joinville. Deste enlace nasceram: Susan, Vivien, Júnior e Julianne.

Mais tarde, em 1961, casou-se o filho Ingo, com Maria de Lourdes Tomelin, nascida em Jaraguá do Sul. Deste casamento, nasceram: Gianna, Ivana, Willy e Ronaldo.

As abundantes lágrimas derramadas por Erna e Ewaldo, com a perda do caçula Ralf, foram assim mais tarde amenizadas com o casamento de Ingo e Gerd e o nascimento dos netos que tornaram-se assim a nova alegria do casal tronco de tão unida família.

No ano de 1972, Ewaldo começou a sentir-se doente. A artéria-esclerose o atingiu, obrigando-o a permanecer durante dois anos numa cadeira de rodas. Não pôde resistir mais e, no dia 22 de dezembro de 1976, com a idade de 72 anos, faleceu, deixando seus entes queridos em prantos e partindo para uma outra vida.

Por coincidência do destino, no mesmo dia do falecimento de seu amado esposo Ewaldo, ela fazia aniversário, completando 69 anos.

## Conclusão

Para mim, este trabalho que realizei foi muito importante, porque fiquei conhecendo um pouco da vida de uma figura humana, e que, com este exemplo, saibamos viver nossas vidas autenticamente.

## Complementação — 1987

Depois de nove anos, após ter iniciada esta história de amor sobre a vida da nossa querida avó Erna Bernhardt, eu, Gianna, retorno a escrever com muito carinho, mais algumas linhas, agora enfocando um pouco da genealogia da nossa família, a partir da avó Erna, seus filhos e netos.

— Seu filho mais velho Gerd, com sua esposa Christa, estão casados há 32 anos, gozam de boa saúde e felicidades com seus filhos e neto. A sua filha, Susan, casou-se com Adolfo Carlos Schwaderer no dia 7 de dezembro



de 1979. Desta união nasceu André Carlos Schwadereker, no dia 23 de fevereiro de 1982. André, está, portanto, com cinco anos. O casal e o filho residem nesta cidade.

— A segunda filha, Vivien, casou-se com Mário Fernandes, no dia 20 de novembro de 1987. O casal está esperando a chegada de seu primeiro filho para o corrente ano de 1988. Vivien e Mário residem nesta cidade.

— O terceiro filho, o Júnior, solteiro, está se formando em computação pela UFSC e reside com seus pais.

— A quarta filha, Juliane, solteira, está estudando, e trabalha com o pai na loja Casa das Malas.

— O segundo filho de D. Erna, Ingo, está casado com D. Lourdes há 26 anos, e compartilham uma vida de amor, felicidade e compreensão com seus filhos e netos.

— A primeira filha, Gianna, casou-se com Alfredo Buatim Sobrinho, no dia 6 de janeiro de 1984. Desta união nasceram Ivan Buatim, no dia 30 de janeiro de 1985, hoje com dois anos e 11 meses (22/12/87) e Venessa Buatim, no dia 6 de março de 1987, hoje (23/12/87), com nove meses de idade. Alfredo, Gianna, Ivan e Venessa, residem em Blumenau.

— A segunda filha Ivana, casou-se com Yassunori Hayashi, no dia 25 de outubro de 1986. Desta união nasceu Monique Hiro-mi Hayashi, no dia 8 de setembro de 1987. Ivana, Yassunori e Monique residem nesta cidade.

— O terceiro filho Willy, solteiro, é formado pela FURB em Administração e trabalha com o pai na loja Casa das Malas.

— O quarto filho, Ronaldo, é estudante do Colégio Franciscano S. Antônio.

— A nossa querida avó Erna, que hoje, (22/12/87) completa oitenta anos, está muito feliz por ter alcançado mais esta data e principalmente por estar reunida com seus filhos, netos e bisnetos.

— Chegou aos oitenta anos com saúde, sabedoria e muita disposição. Atravessou muitos obstáculos que a vida lhe proporcionou, e um deles foi a grande enchente, em julho de 1983, quando o rio Itajaí-Açu subiu quase dezesseis metros, deixando muita gente desabrigada e, no meio dessas pessoas, a sra. Erna, que morava há 53 anos em sua casa situada à rua Paulo Zimmermann n.º 85. Mais tarde retornou à sua casa, acomodando seus filhos e netos. Os anos se passaram e naquele terreno, hoje, ergue-se o edifício "Bernhardt".

Hoje, a sra. Erna reside no edifício Edelweis.

Os anos se passaram, as rugas chegaram em seu rosto e suas mãos calejadas de tanto trabalhar, continua trabalhando, fazendo os doces e cucas deliciosos, bordando toalhas e pintando paisagens, enfim, fazendo sempre a alegria de seus descendentes, gerados pelos laços de amor entre ela e seu saudoso Ewaldo.

Parabéns!

---

## VOCÊ SABIA?

— QUE durante o ano de 1924, ocorreram, na comarca de Blumenau e nos distritos, 324 óbitos masculinos, 262 femininos, num total de 586, e no mesmo período, 664 casamentos?



# AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio



O dia 21 de janeiro assinalou o primeiro aniversário da morte do escritor JOAQUIM INOJOSA. Nas suas andanças pelo país, ele esteve por diversas vezes em Santa Catarina, revelando sempre sua simpatia e amizade pelo nosso Estado, muito especialmente pela cidade de Blumenau, onde lançou, há muitos anos, um jornal dos Diários Associados. Tive o prazer de organizar sua última visita a Santa Catarina, cujo relato está sintetizado no artigo abaixo transcrito, aqui publicado como uma homenagem ao grande batalhador das nossas letras.

Foi em 1979 que comentei a "História da Inteligência Brasileira", de Wilson Martins, em artigo publicado na imprensa. Nele eu abordava, entre outros aspectos, o destaque dado pelo autor ao trabalho de Joaquim Inojosa como divulgador pioneiro e pregador solitário do Movimento Modernista na região nordestina. Educado e gentil, formado numa escola de cavalheiros que já não existe, Inojosa tratou de agradecer, enviando-me a carta que daria início à nossa correspondência, perdurando até outubro de 1986. Essa coleção, pelo que tem de curioso, informativo e humano, pretendo publicá-la em livro, no futuro.

A partir de então, comeci a estudar com maior interesse a obra de Inojosa, sua luta corajosa pelo Modernismo e a célebre polêmica com Gilberto Freire sobre o inexistente "Manifesto Regionalis-



ta de 1926", que ele provou — e Gilberto confessou — ter sido escrito em 1952. Numa ida ao Rio, tratei de conhecê-lo e entrevistá-lo para um jornal. Os artigos que escrevi sobre ele e sua obra, refundidos e ampliados, acabaram se transformando no livro "Presença de Inojosa" (Edição da Fundação "Casa Dr. Blumenau" — 1986).

Embora eu o tenha conhecido já bastante idoso, nosso relacionamento foi constante, até às vésperas de sua morte, ocorrida a 21 de janeiro de 1987, e isso só fez crescer minha admiração pelo velho "globe-trotter" das nossas letras. Por carta e pelo telefone, estávamos sempre nos comunicando, e outras visitas minhas aconteceram. O momento mais alto desta amizade tardia ocorreu, porém, na visita de Inojosa a Santa Catarina, que promovi e organizei, com o patrocínio da Universidade de Blumenau (FURB), e que envolveu quase todas as entidades culturais do município, alcançando repercussão em todo o Estado. Essa "visita cultural" — como ele dizia — aconteceu em 19, 20 e 21 de outubro de 1983.

Forte e disposto, nos seus 82 anos de idade, lúcido e atualizado nos temas do momento, além de encantar a todos pelo seu cavalheirismo e constante bom-humor, Inojosa cumpriu uma programação intensa e cansativa.

Chegando ao Aeroporto de Navegantes numa quinta-feira, por volta das 11:30 horas, o escritor teve ocasião de ver e admirar alguma coisa do Litoral Norte Catarinense, almoçando em nossa companhia no conhecido "Restaurante do Maneca", em Piçarras. À noite, já em Blumenau, proferiu palestra para os alunos do Curso de Letras da FURB, quando historiou o Movimento Modernista e sua difusão pelo país, acontecimento em que teve ativa participação. Relatou o seu relacionamento com as figuras mais expressivas do Movimento, como Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Tarsila do Amaral, Ronald de Carvalho, Mário de Andrade, de quem foi amigo íntimo, recebendo-o no Recife, em 1927, quando o poeta peregrinava pelo Norte/Nordeste, como secretário da "dama do café", Dona Olívia Guedes Penteado, Carlos Drummond de Andrade e Menotti del Picchia, com os quais manteve estreita amizade até o fim (Menotti, com o falecimento de Inojosa, é o último remanescente dos modernistas de 1922). Expôs também, com muita clareza, os princípios técnicos do Modernismo e, naturalmente, sua polêmica de doze anos com o autor de "Casa-Grande e Senzala". Os debates, após a palestra, ameaçaram invadir a madrugada e tive que encerrá-los. O escritor deixou a sala entre aplausos entusiasmados, cercado de alunos e professores.

Na manhã seguinte visitou o Fórum local, quando foi recebido e conversou com todos os Promotores de Justiça da Comarca, lembrando os anos em que integrou o **parquet** pernambucano. Mais tarde, no saguão da Câmara Municipal, concedeu entrevista coletiva à imprensa, organizada pela Associação dos Profissionais de Imprensa de Blumenau, quando respondeu à inúmeras questões sobre suas posições políticas, literárias, jornalísticas e a atualidade mundial



brasileira. Nesse mesmo dia, após o almoço no "Restaurante Froh-sinn", visitou a igreja, o Teatro Carlos Gomes, o Mausoléu Dr. Blumenau, a Fundação e o Arquivo Histórico, onde se demorou em palestra com os presentes e ofertou alguns de seus livros para o acervo da instituição. Na sexta-feira concedeu entrevista à TV e mais tarde fez nova palestra, desta vez para os alunos do Colégio Santo Antônio. Retornou à tarde para o Rio de Janeiro. Entre um compromisso e outro, fizemos uma visita nostálgica ao casarão do velho hotel em que ele se hospedou, há mais de cinquenta anos, quando veio instalar o jornal dos "Diários Associados". E ali, no lusco-fusco da tarde, ele fitou enternecido o prédio deteriorado, reconstituindo mentalmente um dia feliz da existência.

A visita teve repercussão estadual, com grande cobertura da imprensa e muito interesse dos meios culturais. Em nossa casa ele se mostrava alegre e feliz no convívio com a família, convívio tão grato aos solitários. Ele deixou em terras catarinenses muitos amigos e admiradores pelos ensinamentos e lições de vida que semeou na breve passagem.

Agora, ao lembrar o primeiro ano de sua morte, sinto-me envolver pela melancolia. Mas procuro afastá-la, lembrando outro de seus ensinamentos: as pessoas amigas devem ser recordadas com a alegria de ter desfrutado de seu convívio. Pois se assim não for, breve chegará o dia em que a vida se tornará impossível, tantas são as que já partiram, pois a existência é uma incessante sucessão de adeuses. Coerente com essa lição, procuro lembrá-lo nos bons momentos em que estivemos juntos, quando dizia que fui o seu grande amigo da velhice.

---

## *Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo*

Maria Batista Nercolini

### COMO PARTE DO 10.º CAPÍTULO

#### DOCUMENTÁRIO

No ano do centenário da abolição reverenciamos o "Clube Cento Operário", cujo Presidente é José Pereira de Jesus Filho, nosso conhecido Dêca. Tem sua sede própria, inaugurada em 1980.

Essa já tradicional Sociedade é a fusão do **Clube União de Operários**, fundado mais ou menos na década de 40. Seus fundadores: Aristides Costa seu 1.º Presidente, João Ribeiro Borges, Sebastião Bernardo e outros. **Clu-**

**be 7 de Maio**, na década de 70, 1.º Presidente: Tito Rodrigues da Silva, que em 1973 formou a nova Sociedade, conservando a tradição de seus fundadores e associados, vivendo uma vida social intensa e com sucesso. Nossos parabéns. (Informações do Presidente).

#### COMARCA

Criada pela Lei Estadual n.º 16 de 03.11.1891. Desmembrada da Comarca de LAGES.

Instalada a 31 de maio de 1892.



2.<sup>a</sup> entrância Lei n.º 1771 10.12.1954  
3.<sup>a</sup> entrância Resolução 1/70 de  
02.12.1970  
2.<sup>a</sup> Vara Lei n.º 5.633 de 30.11.79  
Instalada em 14.11.80  
Apresentamos a biografia do 1.º  
Juiz de Direito da Comarca:

### BIOGRAFIA

AMÉRICO CAVALCANTI DE BARROS RABELLO, descendente de tradicional família paraibana, nasceu em Olinda, Pernambuco, no dia 12-02-1872. Filho de Francisco José Rabello, Deputado à Assembléia Provincial, Inspetor do Tesouro, Secretário do Governo em 1883, Diretor da Instrução Pública, Lente de Pedagogia e Diretor da Escola Normal do Estado da Paraíba, falecido em julho de 1900 e de Dona Deolinda Cavalcanti de Barros Rabello, filha do Major de Cavalaria Francisco do Rego Barros Falcão, da família Rego de Barros Falcão da Paraíba e Pernambuco e de Maria Cavalcanti de Albuquerque Barros. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Recife vindo para o Estado de Santa Catarina foi nomeado a 20-04-1897 para exercer o cargo de Promotor Público da Comarca de Laguna. Em 05-10-1897 foi nomeado para o cargo de Juiz de Direito da Comarca de São Joaquim. Em 14-09-1901 foi removido para Lages. Exerceu idênticas funções nas Comarcas de Tubarão e de Figueira. Em fins de 1910 foi removido para a Comarca de Araranguá onde permaneceu até 18-01-1918, data em que faleceu.

Foi casado em primeiras núpcias com Dona Amélia Vilar Rabello, natural da Paraíba, de cujo matrimônio houve seis filhos nascidos em São Joaquim, Lages e Tubarão. Do seu segundo casamento realizado com Dona Maria Lucchi Rabello, natural deste Estado, houve uma filha.

Dotado de nobreza de caráter e de elevado espírito de justiça e humanidade, soube sempre granjear a simpatia e a amizade de todos os que dele se acercavam. A respeito, um comentário do Correio Lageano datado de 05-12-1959, data do Centenário do Município de Lages, onde diz: "Dentre os inúmeros colaboradores anônimos que vieram de outras plagas envolvidos em

exemplos e lições de austeridade e aprimorada inteligência, de cujos nomes nossa gratidão não permita caia no olvido, relembramos com saudades a figura simpática do Dr. Américo Cavalcanti de Barros Rabello de saudosa memória, digno Juiz de Direito desta Comarca, no período de 1901 a 1904. O Dr. Américo Rabello era um homem de alta cultura, espírito ponderado e íntegro, deixou entre nós a figura de sua marcante personalidade, pois foi o autor intelectual do nosso primeiro hino municipal, (Ass. Thiago Vieira de Castro — da Comissão de Imprensa e Propaganda Pró Festejos do Centenário).

Escreveu diversas peças teatrais, dentre elas as comédias: "Um Marido em Desatino", "A chegada do Dr. Manezinho" e "Tia Joana", esta última encenada em Araranguá.

Foi um dos fundadores e seu primeiro presidente do Clube Astrea de São Joaquim e, pelos serviços prestados à sociedade joaquinese, seu atual presidente rendeu-lhe homenagem no dia 06-09-77, bem como aos demais presidentes nos Salões do Clube ocasião em que lhe foi ofertada uma placa de prata.

(Biografia fornecida pelo neto Aldo B. Rabello - Florianópolis)

—o—

### EM 1907 A GAZETA JOAQUINENSE N.º 17 PUBLICA

#### SUPLENTES DO JUIZ DE DIREITO

Foram nomeados os Suplentes do Juiz de Direito desta Comarca: 1.º o Sr. Major Luciano da Silveira Goulart; 2.º o Sr. Tenente-Coronel Genovêcio da Silva Mattos; 3.º o Sr. Capitão Elysiario da Silva Cascaes.

No 1.º capítulo de nossa história, à página 91, declinamos os nomes dos que compunham o Poder Judiciário e com esses nomes respeitáveis e ilustres homenageamos a todos os Juizes de Direito, Promotores Públicos, advogados e funcionários do Fórum que passaram por nossa Comarca, no exercício de suas funções em um dos dons mais sublimes que DEUS lhes deu: a JUSTIÇA!



## 11º. Capítulo

### NOSSAS RAIZES

Como descendente de família ligada à campanha, aqui fazemos o registro do que vivenciamos.

### VIDA NA FAZENDA

As fazendas primitivas eram todas homogêneas. O dono da fazenda, um cavalheiro.

A sede constava sempre de um casarão, na maioria rústico, havendo outros já melhores, pintados e envidraçados. À frente geralmente havia uma cerca feita de acha de rachão de pinheiros ou taíças e o portão era feio de troncos de pinheiro novo, que se chamava tronqueiras e eram fechados com grossos galhos de pinheiro ou mesmo de outras árvores e dizia-se varas de porteira.

Ao lado da casa havia um grande galpão, que servia para encerrar as vacas, para ordenha. Os patrões e empregados levantavam muito cedo, pois ainda viam-se estrelas.

Começava então o trabalho de tirar o leite, vacas berrando, assim como bezerros famintos até se encontrarem mãe e filho. Enquanto ordenhavam umas, prendiam outras no galpão, soltavam os terneiros para mamarem e a lida continuava, pega aquela, tira a outra. Mais tarde uns tomavam o apoio gordo espumante, o leite, outros o delicioso camargo que era o leite em copos com um pouco de café bem quente e forte. O camargo, cujo nome é de origem desconhecida, é usado também à tarde em muitas fazendas da região serrana catarinense e gaúcha.

À tarde se recolhiam as vacas e se prendiam os terneiros para a manhã seguinte tirar o leite.

Quase todo leite era empregado no feitiço de queijo; para isso é colocada a coalhada em um pano ralo dentro de formas de madeira com orifícios dos lados, com o nome de cincho. Com as mãos espremia-se a coalhada até que o queijo ficasse sólido, sendo este alimento indispensável à mesa e fonte de renda do fazendeiro.

Nas estrebarias, com as cocheiras, onde o milho, sal, alfafa, não faltavam para os animais de trato, o cavalo do dono da fazenda lá permanecia, tordi-

lho, baio, pangeré, muitos animais de marcha.

Atrás de casa, além das lavouras, havia hortas trabalhadas pelas mulheres que cuidavam das hortaliças e temperos para o cotidiano.

Para os homens, as grandes roças, após escolhido o local nas encostas, se derrubava o mato ralo, para a cerca, queimar descoivarar.

Depois fazia-se a sementeira, mais tarde limpava-se as plantas e se chegava à terra para protegê-las e nutri-las. Após a colheita malhava-se o feijão e se trilhava o trigo, enquanto as espigas de milho eram empilhadas no rancho. Para essa colheita muitos usavam um auxílio mútuo entre os vizinhos que no sul chamamos pixurum, o mesmo que mutirão, termo usado em outras partes do Brasil.

Nos arredores da fazenda moravam os agregados ou capatazes, pessoas de absoluta confiança do patrão, no caso o proprietário. Daí nascia grande amizade, ficavam compadres duas até três vezes.

Eram companheiros nas lidas campearas, rodas de chimarrão e até pitavam cigarro de palha de milho. Eram ainda os condutores de tropas de gado e de cargueiros em demanda do litoral, de onde traziam gêneros alimentícios.

Os tropeiros assim viajavam: à frente um peão, o madrinheiro, montado em um animal bom e manso, carregando o indispensável cinorro no pescoço anunciando a partida da tropa. Atrás 10 ou 12 mulas, carregadas com bruacas sobre cujos cabeçotes se prendiam com bruacas providas de alças, que conduziam os mantimentos. Os tropeiros levavam barracas para pouso; a alimentação consistia de: carne seca ao sol, nosso conhecido charque, que comiam assado com pirão de farinha-de-mandioca, farofa de carne seca também com farinha-de-mandioca socada no pilão, ou desfiada e o indispensável café de tropeiro. A indumentária de viagem: Bombacha, botas, lenço no pescoço, casaco, chapéu de abas largas com barbicacho, mala de poncho com a capa de viajante para eventuais intempéries, laço nos tentos. Após 10 ou 12 dias a tropa regressava: à frente o madrinheiro anunciando a chegada, que sempre era festiva.



Entrega da tropa, hora de descarregar. O patrão examinando as notas e mercadorias, as mulheres recebendo as encomendas, sapatos, chinelos, tamancaos, cortes de fazenda e o célebre riscado, uma fazenda grosseira e resistente, para camisas, vestidos, aventais, para os serviços grosseiros.

No borrachão (guampas grandes de gado), cachaça e melado. Traziam também a gostosa rapadura. Os tropeiros davam por cumprida a tarefa daquela tropeada, pois repetia-se de 2 a 3 vezes ao ano.

**"A indumentária usada nas mulas que formavam as tropas". Segundo livro "Temas Catarinenses" de Dante Martorano:**

O baixeiro de lã trançada, constituía proteção para o lombo. Sobre ele, no dorso do animal, se punha a cangalha, suporte de madeira e de capim, que era por isto denominado de "cangalha" (palha). Um peitoral, tira de couro, prendia a cangalha, pois a firmava pelo pescoço. A cangalha era segura ainda, pelas chinchas, tiras de couro que circundavam o ventre dos animais, apertando nas paletas, na barriga e nas virilhas.

Um rabicho de couro firmava a cangalha, preso abaixo da forquilha e com tiras acolchoadas ou alisadas colocadas debaixo da cola dos animais. Com isto — a chinha não deixava cair a cangalha, o peitoral evitava que a mesma deslizesse anca abaixo, e, por último, o rabicho não permitia que ela descesse pelo pescoço do muar.

As bruacas eram duas bolsas de couro. Às vezes suas formas faziam-nas serem conhecidas como "canas-tras". Eram fixadas à cangalha, por duas alças, que se prendiam à forquilha, uma de cada lado.

Entre as duas bruacas estava a so-

brecargá, que era constituída de volúmes ajeitados sobre o dorso da mula. Cobrindo tudo, o "ligá" um couro que era superposto às bruacas, envolvendo-as e amarrado pela "reata", corda de couro cru também.

No sistema de fabricação, muita gente se especializou em fabricar manualmente cada um de tais utensílios.

—o—

#### CONTINUANDO NAS LIDES CAMPEIRAS, VAMOS À PARADA DE RODEIO E A MARCAÇÃO DO GADO

Um ou mais campeiros iam chamando o gado, no melancólico canto: tom, tom, tom,...

Levavam sal numa saca e quando as rezes se reuniam no rodeio espalhavam-no aos punhados.

No começo do verão era trabalhado todo o gado acima de um ano de idade, não só para marcá-lo como recortar-lhe as orelhas para assinalá-la, dar sal e água boca abaixo e aparar o sedenho do rabo. Castravam-se os terneiros que não prestavam para a reprodução, a malho ou à faca. Os laçadores usavam um tirador, espécie de um avental de couro preso à cintura, que protegia as calças contra o atrito de laço, que deslizava até a armada cerrar-se nas pernas ou nas munhecas da rês pelada. Para marcar o gado usavam um instrumento de ferro com as iniciais do nome do dono, ou um sinal convencional, aquecido no fogo, que deveria ficar em brasa e colocado sobre o quarto da rês, ficando uma pessoa segurando para imprimir a marca.

Nossos fazendeiros de hoje acompanharam o progresso; suas fazendas são modernas, confortáveis, fazendo uso das técnicas atualizadas no ramo.

---

#### VOCÊ SABIA?

— QUE no dia 3 de setembro de 1930, foi fundada na localidade de Timbó-Benedito Novo, a Colônia "Heimat" (Colônia Pátria), por um grupo de jovens alemães e descendentes destes, buscando com isso preservar os costumes, as tradições oriundas do país de origem e, enfim, incentivar o interesse cultural nestes aspectos?

— QUE o jornal "A NOTÍCIA", de Joinville, surgiu com sua primeira edição no dia 24 de fevereiro de 1921? E que seu fundador foi o jornalista Autino Soares?



— DIA 4 — Um violento incêndio ocorreu no depósito da rede de supermercados “Pão de Açúcar”, localizado na BR-470, proximidades do acesso para Itoupava Central. O incêndio começou às 10 horas, destruindo todo o depósito, com prejuízos incalculáveis.

\* \*

— DIA 7 — Em caráter experimental, entrou no ar, a imagem da TV Educativa, em todo o município de Blumenau. A transmissão da imagem é feita diretamente do Rio de Janeiro e captada em Blumenau pelo canal 13.

\* \*

— DIA 7 — Relatório divulgado pela imprensa (JSC), informa que a Cia. de Urbanização de Blumenau pavimentou, durante o ano de 1987, 58 ruas, num total de 55 mil metros quadrados. A informação acrescenta que Blumenau possui, neste começo de ano, 2.913 ruas, sendo 166 pavimentadas com paralelepípedos, 258 com lajotas e 35 asfaltadas.

\* \*

— DIA 8 — Começou a V Festa Pomerana na cidade de Pomerode. Entre grandes atrações foram programadas a apresentação de Banda de Música vinda especialmente da Alemanha, além da apresentação de numerosos grupos folclóricos de várias procedências.

\* \*

— DIA 8 — Convênios assinados pelo Ministro Borges da Silveira, da Saúde, em Florianópolis, estabeleceram a liberação da verba de 5 milhões de cruzados para o Hospital Santa Isabel, de Blumenau, e 15 milhões de cruzados destinados à construção de um mini-hospital no bairro de Fortaleza.

\* \*

— DIA 9 — A data registrou o aniversário natalício do mais antigo profissional gráfico residente em Blumenau. Trata-se de Jaime de Oliveira Coelho, que, ao completar 86 anos, ainda prestando serviços ao JSC, revela uma grande disposição e relembra com detalhes a sua participação na histórica Coluna Prestes, em 1924, quando ocupava a posição de cabo.

\* \*

— DIA 16 — Vitima de enfarte, faleceu na madrugada desta cía, o jornalista Norton Azambuja, sobejamente conhecido e aplaudido por suas grandes qualidades.



— DIA 19 — Violento temporal se abateu sobre Blumenau, especialmente na zona norte da cidade, como Fortaleza, Itoupavazinha e Salto do Norte, causando numerosos estragos em residências, algumas delas totalmente destruídas. Os prejuízos foram elevados, sendo que em alguns casos, as famílias perderam tudo o que possuíam. Dez empresas também tiveram seus prédios destelhados. No Aeroporto da Itoupava Central, três aviões do Aero Clube foram atingidos e o telhado do hangar destruído.

\* \*

— DIA 21 — Relatório apresentado pela Secretaria de Agricultura do município ao prefeito Dalto dos Reis, informou que a Equipe da Patrulha Mecanizada daquela Secretaria prestou pelo menos 900 horas de serviços à comunidade interiorana durante o mês de dezembro de 1987. Foram atendidas 250 propriedades naquele mês. Os 22 micro-tratores, dois tratores esteira e uma retro-escavadeira, executaram serviços de aração, gradeação, terraplanagem, abertura de lagoas e limpeza de ribeirões.

---

## Figuras do Passado

### PAULO BATHKE

Johannes Friederich Paul Gellert Dietrich Bathke, nasceu no dia seis de julho de 1864, em Berlim, Alemanha, filho de Joachim Dietrich Bathke e de Karolin Gellert Dietrich Bathke.

Naturalizou-se brasileiro com o nome de Paulo Bathke, viajou pelos países da Holanda, Bélgica, Suíça, Inglaterra, França, Espanha e Portugal (inclusive a ilha da Madeira) e a parte da costa norte da África. De acordo com suas anotações, fazia parte de uma comissão especializada, que ia prestar serviços em Tóquio, convênio assinado entre Alemanha e Japão. Faltando poucos dias para a partida, o Imperador Kaiser cancelou o referido convênio. Desgostoso, resolveu vir para o Brasil, deixando a sua Pátria no dia 22 de agosto de 1888, às 11:00 horas.

Em suas anotações esclarece que foi uma hora muito amarga de sua vida, a despedida dos irmãos, principalmente no momento que recebeu uma rosa das mãos de sua irmã Helena. No dia 18 de setembro às 14:00 h, pisava pela primeira vez terras brasileiras, desembarcando em São Salvador — Bahia. Viajando depois para Blumenau, seu destino, chegou dia 30 de setembro. Falando alemão, inglês, francês e regularmente italiano e espanhol, exerceu em Blumenau a Profissão de professor. No ano de 1890, foi para Lages, onde abriu uma casa de comércio. Em dezembro de 1891, foi para São Joaquim, hospedando-se na casa do Sr. Manoel da Silva Ribeiro Júnior (interessante não constar em suas anotações, porque deixou Blumenau cidade habitada por conterrâneos, vindo



para Lages e depois para São Joaquim que na época era Vila isolada do mundo).

Começou exercendo a profissão de Agrimensor, vindo a medir todo o Município, elaborando o seu mapa, o qual foi integrado ao mapa do Estado de Santa Catarina. No dia 20 de janeiro de 1893, com vinte e nove anos, casou-se com Maria Olinda da Silva Ribeiro. Desta união teve os seguintes filhos: Helena Maria Olinda Bathke — Juventina Rosalinda Bathke — Rosena Bathke — Alvina Edeltrud Bathke — Osvaldo Alfredo Bathke — Amália Bathke — Alice Elizabeth Bathke — Aristides Afonso Ribeiro Bathke — Waldemar Altino Bathke — Othomar Otilio Bathke — Elza Bathke — Paulo Bathke Filho e Maria Yolanda Bathke.

Em 12 de junho de 1896, partiu para a primeira viagem à Alemanha, retornando ao Brasil no dia 5 de outubro do mesmo ano. Em 16 de março de 1901 realizou a sua segunda viagem à Alemanha, retornando ao Brasil em 15 de setembro do mesmo ano. Fez mais duas viagens à Alemanha, a serviço do Governo brasileiro, de acordo com documento, não só honroso à família como aos Joaquinenses, no qual o Governo brasileiro, por intermédio do Ministro do Exterior, agradece ao Cidadão Paulo Bathke, os inúmeros serviços prestados ao Brasil na Alemanha. "Departamento de Imigração".

Quando regressava de suas viagens, trazia bacelos de maçãs, cravados em batatas inglesas, fazendo aqui os enxertos, que eram

das seguintes cultivares: HASENSCHNUT DO NORTE e ILUCKENAPPEL DO SUL, variedades alemãs, além da maçã MORANGO, bastante achatada e avermelhada.

Em 1908, já possuía um pomar nos campos de Monte Alegre, Distrito de São Joaquim, com mais de duas mil árvores (Tapera ainda existente nas terras da Família Luenenberg). De acordo com fotografias, em 1922, possuía viveiros com mais de três mil mudas, predominando o nosso chamado "Pêro de maio". Mais tarde, fez pomares nas terras de Francisco Palma e Hermelino Palma (seus genros) com mais de quatro mil árvores cada um. Conforme fotografias, fez algumas exposições de frutas da região. Em 1928, importou da Suíça uma máquina de descascar a fruta e tirar o caroço, outra para a secagem (passas). Foi também o incentivador da plantação de batatas, sendo sócio fundador da "Sociedade Agropecuária", sendo também o seu primeiro presidente, antecessora das atuais Associações Rurais.

Em 1915, importou da Alemanha um britador, tendo como acessório, uma máquina com enormes cilindros de aço, que transformava a brita em pó, igual ao cimento. Neste mesmo ano instalou uma olaria e a primeira serraria, movida a vapor, em São Joaquim (locomóvel).

Foi proprietário da primeira Farmácia e da primeira tipografia, sendo fundador e proprietário do Jornal "O MUNICÍPIO".

A referida tipografia imprimiu todos os jornais fundados em

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

*Banespa*

— Um dos colaboradores nas edições desta revista —



São Joaquim, sendo posteriormente de propriedade do Sr. Alvir Rodrigues, em Curitibaanos.

Foi também o primeiro proprietário de caminhões de transporte, em São Joaquim e em Tubarão. Foi o proprietário de uma charqueada em Tubarão e sócio de outra em Lauro Müller, cujas produções eram consumidas, parte no Sul de Santa Catarina e outras enviada ao Rio de Janeiro, via Porto de Imbituba.

Foi proprietário de uma grande casa de comércio em São Joaquim, cujos produtos em sua maioria eram importados da Europa (tecidos, ferragens, louças, perfumes e brinquedos).

Construiu a estrada de rodagem de São Joaquim ao rio Lavatudo, inaugurada por volta de 1930, elaborando o seu traçado gratuitamente, assistindo tecnicamente e doando dois contos de réis, pois a referida estrada foi construída com o auxílio do povo.

Como Prefeito Municipal de São Joaquim, construiu o prédio do Grupo Escolar "Professor Manoel Cruz". Nesta época assumiu o Governo do Estado de Santa Catarina, na qualidade de Interventor, o Dr. Nereu de Oliveira Ramos, o qual negou o pagamento da maior parte da construção, por motivos políticos, obrigando Paulo Bathke a vender tudo quanto possuía, para saldar as dívidas da construção.

Ainda como Prefeito, construiu as estradas: São Joaquim-Chapada Bonita, São Joaquim-Pom Jardim, São Joaquim-Urubici, elaborando os traçados e prestando assistência técnica gratuitamente.

Por ocasião da medição da Fazenda "Morro Agudo", em virtude de sua grande amizade com

os proprietários, conseguiu gratuitamente 500.000m<sup>2</sup> de terras para o Patrimônio Municipal, aos quais acrescentou 1.500.000m<sup>2</sup>, para ser reembolsado pelo Município nos anos posteriores, área adquirida dos mesmos proprietários por Paulo Bathke. O pagamento seria feito parceladamente e sem juros.

Tal Patrimônio compreendia todo o terreno situado no chamado Morro dos Postes e Olaria Velha, fazendo divisa com os terrenos do Sr. Manoel Vigílio Borges. Rumando daí, para o Sul até atingir as terras de Francisco Rodrigues e Dr. José Nunes da Fonseca, rumando depois para Leste, abrangendo as terras onde hoje se localiza o Bairro Minuano, Cemitério, Antiga Balça, Morro do Lagarto, até o Rio São Mateus, em frente à casa do Sr. Hermes Finto de Arruda, rumando daí para o Norte, Rio São Mateus acima, até atingir a chácara do Sr. Marcos Fontanella e o antigo Matadouro. Patrimônio enorme, que infelizmente muitos prefeitos distribuíram à larga aos afilhados, sendo que atualmente o Município não dispõe de mais nada.

Há inúmeras passagens de sua vida, todas ligadas à história do Município. Após o primeiro mandato do Cel. Cezário Amarante, o Capitão Polidório Paulino dos Santos impôs sua candidatura, não abrindo mão de maneira alguma de seus propósitos. Tal candidatura só traria a discórdia e desunião, portanto, dificuldades ao Município. Paulo Bathke, com grande tirocínio, entrevistou nos debates, resultando na homologação do nome de Cezário Amarante que candidatou-se e eleito, governou o município por mais de 25 anos.



Por volta do ano de 1926 ou 1927, o Governador do Estado, Dr. Adolfo Konder, convocou para uma reunião, na localidade de Bom Retiro, representantes dos Municípios de região serrana para tratar de assuntos de interesses daquelas comunidades. São Joaquim foi representado, pelos Srs. Hercílio Vieira do Amaral, Boanerges Pereira de Medeiros, Gregório Cruz, Paulo Bathke, Felício Pinto de Arruda e outros. Nesta reunião, Paulo Bathke apresentou um relatório, no qual demonstrava, que um pé de maziieira em produção dava um lucro cinco vezes superior ao de um pé de café, que na época era o fiel da balança comercial no mercado do País. Foi mais além. Demonstrou ao Sr. Governador, que se o Estado possuísse a estrutura para formar pomares na região serrana igualando em número aos cafezais de São Paulo, o Estado, com algumas colheitas, teria condições de fazer a ligação pavimentada do Oeste à região serrana e desta à Florianópolis, atualmente a 282, tão comentada pelo ex-governador Esperidião Amin.

Aproximava-se o ano de 1930. A política fervia, sendo enormes as perseguições; surras com borraça e torturas eram comuns, em Lages e Painel e muitos cidadãos foram agredidos. Paulo Bathke, tendo conhecimento que um pelotão de Polícia, havia sido destacado para ir a São Joaquim, praticar tais absurdos, imediatamente, auxiliado pelo Sr. Francisco Palma, reuniu mais de cem homens armados com fuzis, acampando na "Serrinha", dispostos a defenderem com a própria vida a dignidade de cidadãos livres. Felizmente o referido pelotão, talvez avisado, voltou do Rio

Lavatudo, salvando muitos Joaquinenses de sofrerem tal humilhação. Por esta e outras razões é que Paulo Bathke foi elemento de destaque na articulação da revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder. Foi o elemento de ligação entre o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. No cinema de sua propriedade, encontrava-se secretamente com elementos do exército que atuaram no setor sul. É interessante destacar que em uma destas reuniões secretas, encontrava-se presente o grande brasileiro Siqueira Campos (um dos sobreviventes dos dezoito do Forte de Copacabana).

Outros grandes ilustres brasileiros, com os quais sempre mantinha contato, foram: General Flôres da Cunha, Dr. Osvaldo Aranha, Dr. João Neves de Fontoura, Gal. Valdomiro Castilhos de Lima, Cel. Vidal Ramos, Dr. Nereu Ramos, Aristiliano Ramos e outros.

Iniciada a revolução de 1930, o General Valdomiro Castilhos de Lima, comandante e Chefe da Coluna Sul, convidou Paulo Bathke para tomar parte em seu Estado Maior, o que foi aceito com muita honra. Terminada a luta, pelo que viu e observou, voltou bastante descontente, tendo naquela oportunidade afirmado ao Cel. Vidal Ramos, Dr. Nereu Ramos e Aristiliano Ramos, sua desilusão, pois os aproveitadores de situações já começavam a agir. O resultado não se fez esperar muito, vindo depois de dois anos, a revolução constitucionalista em São Paulo (1932).

Após a revolução de 1930, o General Ptolomeu de Assis Brasil, então interventor federal em Santa Catarina, em discurso pro-



ferido quando em visita a São Joaquim, entre outras palavras declarou: "Paulo Bathke, homem sempre presente em todos os atos cívicos e orgulhoso de sua nova nacionalidade, merece uma estátua para perpetuar sua memória".

Foi advogado, agrimensor, jornalista, industrial, botânico, pecuarista e lavrador. Como advogado defendeu muitas causas: principalmente com relação à questões de patrimônio de terras. Como agrimensor, medindo todo o Município de São Joaquim, elaborando o mapa completo com suas respectivas divisas para a integração ao mapa do Estado de Santa Catarina. Como jornalista, publicava seus artigos na revista "Vozes de Petrópolis", da cidade de Petrópolis, cujo assunto principal era referente à pomicultura, agricultura e botânica. Como botânico, nos Anais Botânicos do herbário "Barbosa Rodrigues", de Itajaí, Santa Catarina, consta o seguinte: Paulo Bathke, colecionador em São Joaquim. O seu material nos deu uma idéia preciosa da diferença da flora PTERIDÓPHYLA, do Alto da Serra, com referência a de abaixo da Serra. A revista HEDWIGIA, no volume XLVI, publicou resultado de suas coleções. Faz parte da coleção ROSENTOC de PTERIDÓPHYLAS CATARINENSE."

Em 1918 inaugurou o Cine Natal, prédio todo de alvenaria, com platéia, camarotes e a geral de acordo com o estilo da época.

Quanto às suas distrações, foi ardoroso amigo da poesia e da música. Possuía um álbum repleto de poesias em alemão, francês, italiano e inglês. Em suas anotações consta que nas suas despedi-

das, quando voltava ao Brasil, dedicava sempre uma poesia à sua mãe e irmãs. Além de músico, fez questão que todos os filhos também executassem um instrumento de cordas. A orquestra da família Bathke era conhecida dos Joaquienses da época.

Trouxe para São Joaquim o maestro Waltrick, parente de sua esposa, que fundou naquele tempo uma orquestra só de moças. Foi também, por seu intermédio, que veio para São Joaquim o saudoso maestro Leonel Porto, que nos primeiros tempos morou em sua própria casa, sendo considerado como pessoa da família. Protestante, entretanto educou toda a família em Colégios de religiosos, padres e freiras, e costumava dizer que assim procedia, para respeitar os sentimentos religiosos de sua nova Pátria. Festeiro da festa de São Joaquim em 1919, realizou a maior festa daqueles tempos. Pela primeira vez o povo conheceu fogos de artifícios. O técnico fora contratado em Paranaguá - PR. Com o motor do cinema, iluminou a rua desde a sua residência, em frente ao Clube Astréa até a Igreja, inclusive a Praça João Ribeiro, em frente à Prefeitura. Este acontecimento marcou época em São Joaquim. Jamais visando interesse para si e seus filhos, pois as oportunidades e ofertas foram inúmeras, viveu sempre demonstrando dedicação e carinho à terra que tanto amou. Verdadeiro sonhador, pobre mas sem mácula, faleceu aos 86 anos de idade, no dia 13 de setembro de 1950, às 13:00 horas. Entre as tantas coroas de flores ofertadas, uma representava a vitória de suas ações e o reconhecimento desta terra, cujo cartão trazia os



seguintes dizeres: "Ao seu grande benfeitor, incansável, honesto e digno ex-Prefeito Paulo Bathke, homenagem da Prefeitura Muni-

cipal de São Joaquim. São Joaquim, 14/09/1950 — Ismael Nunes, Prefeito Municipal."  
**Paulo Bathke Filho**

---

## **Relatório das atividades do Arquivo Histórico "Prof. J. Ferreira da Silva"**

### **2.º SEMESTRE DE 1987**

Analisando os principais fatos e feitos deste último semestre de 1987, pretendemos demonstrar os trabalhos realizados pelo AHJFS, no sentido de fazer esta instituição um órgão ativo e dinâmico, dentro de um trabalho irreversível de enriquecimento da cultura do Vale do Itajaí. A confiança que o Arquivo vem recebendo da comunidade através das doações para guarda demonstra a confiança no trabalho que aqui se tem realizado no sentido de preservar a memória deste povo que é um patrimônio histórico-cultural.

#### **I — ARQUIVÍSTICA**

##### **1.1 — Fundo Municipal**

Assessoria de Planejamento

Série: Projetos Arquitetônicos 1950/1977

##### **1.2 — Coleção de Dossiês**

Foram arranjadas oitenta pastas da Coleção Famílias. Neste trabalho organizou-se a identificação do documento com o seu respectivo verbete.

##### **1.3 — Fundo Particular**

Objetivando ordenar e inventariar a Produção Intelectual de José Ferreira da Silva que oportunamente deverá constar de uma publicação, foram concluídas as séries Discursos e Palestras.

##### **1.4 — Documento Audiovisual**

Continuam em fase de classificação e catalogação os discos recebidos do acervo discotecário da extinta P.R.C. 4 — Rádio Clube. Atualmente foram tombados mil discos que estão em condições de acesso ao pesquisador.

##### **1.5 — Documento Iconográfico**

Dentro da política de reorganização do acervo fotográfico, iniciou-se o trabalho de reclassificação e adoção de critérios padronizados para o acervo da fototeca. Foram abertas as seguintes séries:

- 1 — INDÍGENAS
- 2 — FAMÍLIAS
- 3 — FIGURAS ILUSTRES
- 4 — VISITAS ILUSTRES
- 5 — PREFEITURA MUNICIPAL



- 6 — FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"
- 7 — RELIGIÃO
- 8 — EDUCAÇÃO
- 9 — USOS E COSTUMES
- 10 — COMUNICAÇÃO e TRANSPORTE
- 11 — INDÚSTRIA E COMÉRCIO
- 12 — SAÚDE
- 13 — ESPORTE
- 14 — LOCALIDADES: Nacionais e Estrangeiras
- 15 — Cartões Postais Nacionais e Estrangeiros

As classes mais volumosas de fotografias foram desdobradas havendo relação entre as classes e subclasses.

Os cartões postais foram considerados como fotografias mesmo aqueles reproduzidos mecanicamente. Adotou-se como critério de classificação o Método Duplex, havendo assim possibilidade de serem abertas novas classes à medida que forem surgindo novos temas e assuntos.

#### 1.6 — Documentos Cartográficos

Recebeu o AHJFS, da Assessoria de Planejamento da Prefeitura Municipal para guarda um lote de 245 mapas onde estão localizadas as Ruas de Blumenau.

### II — DOCUMENTOS DE GUARDA

O AHJFS, recebeu sob a forma de doação os seguintes documentos:

- 1 — FOTO DALMARCO:  
em agosto de 1987.  
24 fotografias do 32.º Batalhão de Caçadores.
- 2 — EDEMAR CRUEZ:  
3/agosto/87  
2 livros: Die Bibel/Berlim 1928, e Deutsch Evangelisches Gesanbuch  
2 fotografias
- 3 — FAMÍLIA REUTERS:  
04/08/1987  
9 fotografias da família
- 4 — IAPONAN SOARES DE ARAÚJO:  
agosto/87  
4 Revistas — Revista Literária
- 5 — ANEMARI FOUQUET SCHÜNKE:  
18/08/87  
3 exemplares do livro Dr. Blumenau  
1 Relatório Cremer  
1 Calendário
- 6 — FREDERICO KILIAN:  
27/08/87  
1 exemplar — Punhal Nazista no Coração do Brasil,
- 7 — CELESTINO SACHET:  
28/08/87



- 28 volumes de livros de Literatura Catarinense.
- 8 — WERNER REIMER:  
28/08/87  
57 fotografias  
Documentos diversos — 50  
13 — Bilhete Postal  
23 — Cartões Postais Alemães  
5 volumes de edições alemãs.
- 9 — EDITH VON DIRINGSHOFEN:  
21/09/87  
165 fotografias de Blumenau, Joinville e Paraná  
5 estatutos de Sociedades Diversas  
8 exemplares de livros referentes à Colonização  
18 recortes de jornal  
1 Relatório das Cheias de 1957
- 10 — CURT W. HENNINGS:  
5.10.87 — 16.11.87 — 30.11.87  
10 volumes de livros diversos  
15 cartões estrangeiros  
Documentos da Família
- 11 — WILLY SIEVERT:  
11/11/87  
42 exemplares de periódicos editados em língua germânica entre eles: "Der Mosquito", "Die Schnauze", "Die Gurke", "Die Grüne Mirten".
- 12 — ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO:  
17/11/87  
53 volumes de literaturas diversas.
- 13 — MARIA REGINA BOPPRÉ:  
17/11/87  
16 volumes do Dicionário Lexikon (Lingua Alemã) 1861

### III — PESQUISAS

Estiveram realizando pesquisas no AHJFS no 2.º semestre de 1987, 328 pessoas.

### IV — PESQUISAS INSTITUCIONAIS

- 1 — LAUTH, Alouisius C.  
**Pesquisa:** Colônia D. Pedro. **Instituição:** Arquivo D. Jaime. **Finalidade:** Estudos.
- 2 — GOULART, Maria do Carmo.  
**Pesquisa:** Colonização Polonesa. **Instituição:** Universidade Federal do Paraná. **Finalidade:** Mestrado.
- 3 — LUCHTEMBERG, Walkiria Sens.  
**Pesquisa:** Viabilidade Econômica da Reativação das Minas de Prata do Bairro Garcia. **Instituição:** FEPEVI. **Finalidade:** Monografia.
- 4 — TEIXEIRA, Vera Iten.  
**Pesquisa:** Relações Raciais em Blumenau. **Instituição:** UFSC. **Finalidade:** Mestrado/Tese.
- 5 — COSTA, Tânia.



- Pesquisa:** Enchentes em Blumenau. **Instituição:** USP. **Finalidade:** Mestrado/Tese.
- 6 — SCHWAB, Aparecida B.  
**Pesquisa:** Ação Social do Sindicato de Fiação e Tecelagem de Blumenau. **Instituição:** UFSC. **Finalidade:** Mestrado/Tese
- 7 — HELMANN, Josefina.  
**Pesquisa:** Migração em Santa Catarina 1970/1980. **Instituição:** FEPEVI. **Finalidade:** Tese/Mestrado.
- 8 — KNECHT, Tânia Mary Swarasky.  
**Pesquisa:** Oktoberfest — Um evento Popular? **Instituição:** FURB. **Finalidade:** Mestrado.
- 9 — SCHNEIDER, Dora.  
**Pesquisa:** Arquitetura. **Finalidade:** Mestrado. **Instituição:** FURB.

#### V — EXPOSIÇÕES

No mês de outubro o AHJFS, organizou a Exposição BLUMENAU EM CARTAZ, esta amostra era constituída de vários eventos que ocorreram em Blumenau nos últimos 20 anos. O local foi a galeria do Museu da Família Colonial.

Em novembro comemorou-se a passagem do trigésimo ano de edição da Revista Blumenau em Cadernos. O Arquivo para homenagear o seu patrono, organizou uma exposição intitulada "VIDA E OBRA DE JOSÉ FERREIRA DA SILVA". A amostra constituída de farta documentação foi aberta ao público dia 1.º de dezembro e se estendeu até o dia 20 do mesmo mês.

#### VI — TRADUÇÕES.

Em convênio com o Arquivo Público do Estado o Arquivo Histórico fez um levantamento das obras raras do seu acervo bibliográfico entre os Períodos do Século XVIII e XIX. Como o grande número das obras são edições alemãs realizou-se os trabalhos de leitura e transcrição das folhas de rosto das publicações para constar do inventário.

#### VII — BIBLIOTECA APOIO:

Deram entrada ao acervo bibliográfico 130 volumes.

#### VIII — VISITAS:

No semestre de 87 o AHJFS, recebeu inúmeras visitas de escolares que vieram conhecer o acervo. Em novembro último recebeu a visita do Prof. Dr. Walter Fernando Piazza e do Diretor do Arquivo Público do Estado Iaponan Soares de Araújo. Esteve presente nesta visita a Arquivista e Bibliotecária Sr.<sup>a</sup> Leda Maria D'Ávila da Silva Prazeres.

Blumenau, janeiro de 1988.

Sueli Maria Vanzuita Petry  
Resp. Setor Arquivo Histórico

**TEKA** É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos de mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis de mais alta qualidade.



# Episódios históricos de Blumenau

Nosso colaborador, pesquisador Prof. José E. Finardi, "expert" em Colonização Italiana no Vale do Itajaí, vem de reunir sob o título "EPISÓDIOS HISTÓRICOS DE BLUMENAU" os mais diversificados episódios inéditos da

História de Blumenau, trabalho esse que submetido à apreciação do emérito Prof. CELESTINO SACHET, da Universidade de Santa Catarina, emitiu o abalizado parecer que, com prazer publicamos.

## "ATOS DE HOMENS / FATOS DA HISTÓRIA"

Celestino Sachet

José E. Finardi, o pesquisador da **Colonização Italiana de Acurra**, volta, agora, com **Episódios Históricos de Blumenau** e nos leva a pensar duas e mais vezes sobre a importância dos pequenos fios com que se entretexe o grande cenário da História.

Ainda que o Autor proclame à certa altura, que vem para "expor os fatos, evitando analisá-los ou criticá-los", não há como deixar de perceber que é, justamente, na exposição de pequenos (grandes!) incidentes que o livro, sem análise e sem críticas, realiza a grande Análise e a grande Crítica dentro do destino da Criatura Humana.

Está por demais aceito, hoje, que tão importantes quanto a História dos grandes feitos são os episódios dos pequenos feitos e que, antes de ser universal, o homem é um ente circunscrito nas próprias normas de sua "persona" embutida na "humanitas" que reside em cada filho de Deus e dos homens.

Pode ser encontrado em todos os livros, a partir do grande Livro: ainda que a História não se escreva com hipóteses, Adão e Eva, no Paraíso, desobedecem porque são livres e não porque a

serpente se mostrou mais forte do que a maçã; José do Egito é um grande Rei porque, antes, fora um grande Filho e um grande Irmão; Moisés não entra na Terra Prometida porque a dúvida lhe destrói a certeza e a sabedoria de grande condutor de um Povo. E, fora do Livro, nos outros livros, Napoleão é o grande vencedor — até Waterloo — porque conhece a arte da guerra, mas Waterloo existe porque é ele — o homem — quem se engana; e Hitler congela seus exércitos na Rússia porque a decisão do Chefe não se compatibiliza com a reação do General Inverno.

É no cotidiano, na "História aninhada na minúcia" que se escrevem as grandes batalhas e as grandes derrotas. É no cotidiano, na história que se constrói nas minúcias, que José Finardi nos convida a percorrer, na lida da criatura humana, a Vida das humanas criaturas destinadas a plantarem no Vale do Itajaí uma fatia da História da Imigração no Terceiro Mundo.

Do texto de pesquisas e páginas nascidas no decorrer do tempo e arrancadas dos arquivos que a História não corroe, surgem episódios que maravilham pela fi-



delidade do documento, quase sempre oficial e comprovado. Dos muitos temas aqui vestidos e das muitas figuras aqui desnudadas, três homens-símbolo vão se organizando para a admiração do leitor e para o respeito da Comunidade.

O padre José Maria Jacobs é o primeiro. Como pároco da recém-criada Igreja de Blumenau, ele se dá conta de que não lhe bastam o púlpito e o confessionário para o bem-estar do grupo que lhe é confiado. Da Cooperativa à Escola e do enfrentamento político-ideológico e, até, policial, saltam o Cidadão que não confia nas decisões dos homens do Governo, tomadas ao sabor do enfrentamento pelo gosto e pela paixão do Poder.

Vem, a seguir, outro padre, mas padre de outro jeito. Licínio Korte: franciscano e alemão, não se entende com o imigrante italiano. E, em Acurra, a guerra das duas nações desemboca nas escolas paroquiais, fundadas pelo padre alemão mas que lhes escapam para mãos italianas. As longas explicações de Licínio Korte não comovem o Cônsul. E, mais uma vez, Igreja e Estado comprovam que, por debaixo da Autoridade habita a criatura humana a torcer os casos e as coisas segundo a perspectiva individual de quem está vivendo o episódio.

O Dr. Blumenau, por último — mas não o último —, com sua lógica irrespondível lamenta que os gastos dos governantes se façam pelos caminhos tortos que a Matemática se recusa a admitir.

E a luta entre a Empresa Privada e a Organização Estatal parece tão de hoje quanto atuais são as manchetes que povoam os textos que batem às nossas portas no dia-a-dia.

Em **Episódios Históricos de Blumenau**, há um ponto, ainda de grande significado não só para a História da Colonização no Vale do Itajaí como para toda a Imigração: o amor à terra através da defesa do conhecimento da língua e dos costumes da Região. E a passagem de uma carta do Dr. Blumenau mergulha fundo no desafio: “os estrangeiros, mesmo por simpatia a este belo e grande país, costumam notar incoerência nos que governam”.

Mudaram os estrangeiros. O padre José Maria Jacobs já não tem mais a escola sob seus olhos; Licínio Korte já não é mais o padre-alemão que não entende as ovelhas italianas e o Dr. Blumenau já não tem mais a quem escrever. No entanto, a vida de cada um dos três homens-símbolo volta à tona, na vida de todos os imigrantes, graças ao senso crítico e ao amor pela pesquisa de José E. Finardi.

**Episódios Históricos de Blumenau** é muito mais do que um livro sobre o modo de ser de homens ilustres. É a trajetória de criaturas humanas — tão humanas quanto qualquer um de nós — é a trajetória que se transformou na História que cada um de nós ajuda a construir no dia-a-dia de nossa individualizada maneira de ser e de ver as coisas e os homens que nos cercam. E que nos fazem o cerco.

**SUL FABRIL** Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense



## A História de Blumenau na Correspondência dos Imigrantes

Carta de Julio Baumgarten para seu irmão Hermann em 10/06/1855, relatando ataque de índios. Todas as cartas de Julio são escritas de Lichtenberg, nome que ele deu à sua propriedade na Colônia Blumenau.

Lichtenberg, 10 de junho de 1855.

Prezado Hermann!

O motivo porque não lhe escrevi, ultimamente, tão frequentemente, foi porque negócios urgentes impediram. A todos vocês gostaria de enviar uma carta em especial e espero que todas as minhas cartas em geral, também tenham agradado você. Também realmente falta assunto específico que interesse a você, já que tudo o que acontece na minha propriedade e comigo pessoalmente, eu comunico ao pai. Hoje tentarei fazer um quadro e relatar como os selvagens, os Botukudos (aqui Bugres) apareceram este ano. No entanto, lhe peço, como a todos que lerem esta carta, comentar pouco ou nada sobre o assunto, senão o caso chegará a passar ao sensacionalismo e que na verdade é insignificante para o imigrante.

O caso deve ser analisado com cuidado para não chegar a ser muito falado, como já aconteceu com o irmão de Sallentien.

Em meados de março, quando aqui já não foram vistos, os bugres apareciam na região da Velha, terra pertencente ao Dr. Blumenau. Apareceram ao meio-dia, quando todos os moradores estavam em casa almoçando. Os

mesmos atacaram um rancho, que ficava no meio da roça, roubando diversos objetos, entre os quais, 1 espingarda de cano duplo, 4 enxadas, 4 machados, mais outros objetos de ferro, depois fugiram para a floresta. O susto e a raiva das pessoas ao voltarem foi muito grande. Você pode imaginar a situação, mas depois de alguns minutos de reflexão, resolveram ir até o posto policial encarregado da segurança dos colonos e que fica distante cerca de duas horas. Estes soldados são entendidos em seguir o rastro dos selvagens pela floresta, o que os alemães desconheciam. Os bugres, geralmente, se locomovem sobre pés e mãos para despistar seus perseguidores, de seu acampamento. Quatro soldados brasileiros iniciaram a perseguição, mas depois de dois dias voltaram, quando foram impedidos por uma chuva intensa. Chegaram a seguir a pista certa, porque encontraram as espingardas quebradas como também os cabos de enxada e dos machados. Isto mostra claramente que os bugres não sabem usar estes instrumentos e somente roubam o ferro para preparar as pontas de suas flechas.

Nem 14 dias mais tarde o meu sócio Rodatz com alguns trabalhadores, tiveram sua atenção chamada para um estranho assobio (o que às vezes os bugres fazem). Ao meio-dia então levaram todos os objetos de ferro consigo, deixando apenas 4 enxadas, 1 machado e 1 pá que ficaram aos cuidados do colono Helling. Quando Rodatz e os trabalhado-



ies regressaram do almoço, vi-ram pelas pistas frescas que os bugres tinham estado lá. Algum tempo mais tarde, dia de Ascensão de Nossa Senhora, eu fui caçar, para me distrair e não tinha dado nem 200 passos, quando numa distância de 30 passos à minha frente estavam dois bugres, encarando-me assustados. Sou franco em dizer que eu também fiquei assustado, mas logo recuperei minha presença de espírito, peguei a espingarda para me defender, porém quando olhei novamente para o lugar onde eu os avistei, tinham desaparecido. Ainda fui em perseguição, mas nada mais vi, a não ser os arbustos se movendo.

Voltei logo para casa e chamei Starke, que mora do outro lado do rio, também um colono

alemão, e juntos saímos em perseguição dos selvagens. Encontramos seus rastros, mas nada mais. Já tinham desaparecido e desde então não mais voltaram.

Estes casos mostram que não devemos receiar tanto os bugres, mas apenas guardar bem todos os utensílios para que não caiam em suas mãos.

Esta carta você não deve julgar como preguiça, meu prezado Hermann. Meu tempo é muito curto, agora que estou preparando o açúcar. Escreva-me em breve e lembre-se que nada mais pode alegrar-me tanto, como receber notícias de todos vocês lá de casa.

Seu irmão

Julius

(Tradução de Edith S. Eimer)

---

## A Colonização da Região do Itajaí

(Observações para os festejos dos 75 anos de fundação da colônia Blumenau)

("Der Urwaldsbote" — Ano 33 — n.º festivo 2 — fevereiro de 1926.)

por José Beeke

"Quando Dr. Hermann Blumenau fundou em 1850, o primeiro núcleo colonial, que no decorrer dos anos se desenvolveu para uma próspera colônia, as terras da Ponta Aguda, na margem esquerda do rio e um pouco mais abaixo na margem direita, já pertenciam a outros. Dr. Blumenau, portanto, comprou vários complexos de terras, como por exemplo a Ponta Aguda já de segunda mão.

Entre os colonos que já se encontravam às margens do Rio Itajaí, antes da fundação de Blumenau, havia um certo número de alemães, que vieram da colônia do governo S. Pedro de Alcântara e que dispunham de grandes áreas de terras. Era, em princípio, as famílias de Peter Wagner, Haendchen, Zimmermann e Schmitt.

Além das grandes concessões de terra que o governo geralmente distribuía numa extensão de uma légua quadrada, já havia nas margens do Itajaí colônias desde 1835. Mas estas não tinham nenhuma



semelhança com os colonos que viriam mais tarde. Os colonos que se encontravam nestas colônias — em questão apenas as colônias Belchior e Pocinhos — recebiam as seguintes parcelas: 200 Brassens (440 metros) de frente para um solteiro; 250 para um casado, quando não tinha filhos; 350 quando o mesmo possuía 3 filhos e 400 quando tinha mais de três filhos. A profundidade do terreno deveria ter 1000 Brassens; assim havia uma área de terreno com 400, 500, 700 e 800 Morgens. Era assim o projeto do governo.

Para que o governo não tivesse despesas com a colonização, ele entregou a distribuição de terras a corretores que candidatavam-se para este fim, e estava fixada esta concessão para duas léguas quadradas. Quando o corretor fixava colonos, então imediatamente a metade da área entregue por concessão passava para suas mãos — a outra metade depois de 10 anos, passava às mãos do colono. Durante estes 10 anos e também depois ainda, a parte destinada ao colono estava hipotecada junto ao corretor por possíveis compromissos não cumpridos e também estavam incluídas benfeitorias já feitas. Somente com o cumprimento total de seus débitos o colono estava livre da hipoteca porque a partir de então o assunto caía sob a lei imperial de 13 de setembro de 1830. Quando um colono morria antes do término dos 10 anos e não tendo cumprido seus compromissos e não deixando herdeiros que pudessem cumprir com os compromissos ou quisessem, a metade da colônia passaria a ser propriedade do corretor. Do contrário, o colono imediatamente tornava-se proprietário de sua terra caso o corretor morresse sem deixar herdeiros que não tivessem condições de assumir os compromissos.

Os corretores eram obrigados a medir a área a eles destinada dentro de um espaço de dois anos e a colonização devia ser concluída em quatro anos, do contrário as terras ainda não colonizadas tornavam-se devolutas.

Muito sucesso não se teve com esta forma de colonização, principalmente porque, sob tais condições era difícil conseguir corretores. Foram efetuadas várias modificações, mas desta forma, o Governo Provincial ficava sempre mais para trás, porque o Governo Imperial mais e mais apossava-se deste assunto, fundava colônias imperiais e colônias particulares.

O objetivo do Dr. Blumenau, não era fundar uma colônia de colonos, mas queria, na vasta área por ele adquirida, instalar um grande estabelecimento agrícola e os primeiros colonos com os quais veio, a 2 de setembro de 1850, seriam funcionários e trabalhadores no mesmo. Depois que já tinha chegado uma segunda e terceira leva de imigrantes, Dr. Blumenau viu que não seria bem sucedido em seus propósitos e assim deixou medir vários pedaços de terras maiores e leiloou os mesmos no dia 28 de agosto de 1852. Este teria sido real-

<b>CREMER</b> Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.
--



mente, o dia exato da fundação da cidade e Dr. Blumenau em seus futuros relatórios ao governo sempre mencionou esta data como a da fundação.

Os primeiros terrenos que Dr. Blumenau vendeu eram tão diversos em tamanho e figura que dificilmente se pode calcular uma média exata. Nas proximidades do lugar da diretoria, geralmente a frente compreendia 10 Brassens (22m) e mais afastado 50 Brassens. Condições fixas de compra, não existiam. Quem quisesse um terreno, tinha que pagá-lo à vista, mas às vezes eram feitas exceções, nos quais o preço fixado para a compra era parcelado. O preço para um terreno de 10 Brassens geralmente, era de 100\$000. Apesar de que o governo concedesse vários auxílios a Dr. Blumenau, a colonização particular não ia bem, assim, em 1860, entregou sua obra ao Governo Imperial, mas naquela ocasião foi-lhe garantido o posto permanente de diretor.

A partir de agora eram dispostas condições fixas de compra para os imigrantes que o governo mandava trazer. Os terrenos eram, em geral, medidos com 100 Brassens de largura e 500 de fundo; assim, a área compreendia 100 Morgen. O preço era de 1\$500 por Morgen, portanto 150\$000 e deveria em regra ser pago dentro de 5 anos. Mas, geralmente, os colonos ficavam devendo por 15 até 20 anos ou mais, até que por meados dos anos 90 veio uma ordem de que a partir de então sobre as parcelas em débito seriam colocados 6% de juros. Então o pagamento se normalizou.

As medições das terras até o início dos anos 70 eram feitas por homens contratados por Dr. Blumenau. A partir de 1873, a medição tornou-se mais autosuficiente, quando o governo designou comissões de medição. Desde 1854, havia também, nos lugares onde não se colonizava, funcionários de medição. Era uma designação do juiz comissário, ao qual todo cidadão interessado na compra de terra devia se dirigir. Em Blumenau, anteriormente, não existia esta instituição porque as terras eram entregues pela direção da colonização. Quando em 1882, a última comissão de medição sob a direção de colonização foi dissolvida, Blumenau também recebeu um juiz comissário. Quem a partir de agora quisesse terras, teria que requerer as mesmas primeiro ao governo e então o juiz comissário mandava medir a terra por conta do requerente.

Depois que a direção de colonização foi extinta, veio uma comissão de engenheiros que chamava-se "Comissão de medição e colonização" já que também assumiu os negócios da direção de colonização. Com muitas interrupções motivadas por fatores políticos, a colonização do Vale do Itajaí prosseguia lentamente, de maneira que não se entende bem porque motivo a direção de colonização foi extinta. Mas o sistema agora havia sido modificado de tal maneira que somente imigrantes estrangeiros recebiam terras previamente preparadas pela comissão. Caso um natural do Brasil quisesse terras, devia requerê-las ao governo e o juiz comissário, mais tarde também chefe de comissão, mandava medir a terra por conta do requerente.

No ano de 1892, as medições de terras para colonização em todo o Brasil foram concedidas por contrato à "Companhia Brasileira



de Torrens". Os agrimensores das comissões foram demitidos. — Continuava apenas um chefe e seu secretário para continuar a administração. Terminou a medição em Brassens e adotados os metros e pesos. Os terrenos agora eram medidos com 250 metros de frente por 1000 de fundos, assim que cada área compreendia 25 hectares. Em Blumenau, desta maneira foram medidos na região do Braço do Sul cerca de 100 terrenos e nas margens dos rios pertencentes a Joinville, Luz e Serro, mais de 100 terrenos.

Nesta ocasião, seja mencionado, que as margens do Jaraguá e seus afluentes também foi colonizado a partir de Blumenau, e esta região, em sua maior parte, também foi colonizada com filhos de colonos blumenauenses.

Quando em fins de 1896, a última "Comissão de Terras e Colonização" foi extinta e instalada uma Agência de Terras, acabou em definitivo com a colonização de imigrantes — somente os descendentes de colonos já radicados continuaram a colonização.

No ano de 1897, começou então a colonização da "Companhia Colonizadora Hanseática" das terras junto ao Rio Hercílio, Colônia Hamônia, trazendo imigrantes europeus, continuando esta colonização até hoje.

Neste meio tempo, quase todas as terras devolutas foram entregues a corretores para colonização. A "Companhia Colonizadora Hanseática" ainda tem cerca de 2.500 terrenos com aproximadamente 30 hectares para entregar. O preço com estrada já construída e de acordo com qualidade e localização é de 80 a 120 mil réis por hectare. Os imigrantes recém-chegados recebem um terreno mediante uma entrada de 300\$000, têm dois anos de isenção de juros e terão que amortizar toda a dívida num período de 7 anos. No decorrer dos primeiros dois anos, recai sobre a soma restante 7% de juros, porém esta soma é superior a 70\$000. Quando os sete anos fixados no contrato terminarem, o prazo pode ser prolongado, mas recai a partir do 8.º ano sempre 1% de juros anualmente sobre a soma, até a maior de 12%. — Com recém-vindos naturais daqui para esta área de dois anos de isenção de juros não existem — mas no que tange o resto as condições são as mesmas.

Outras organizações de colonização maiores são: Bona & Cia., no Alto Benedito e Cedro; o Sindicato Agrícola, no Trombudo; Victor Gärtner, no Braço d'Oeste. Assim também têm terras disponíveis, Zimmermann e Jensen, Bertoli, Reuter, Dr. Breves e Napoleão Poeta. As condições de compra destes terrenos variam muito; são ajustados de acordo com o comprador, caso o mesmo não for pago à vista.

Uma grande área ainda não colonizada encontra-se no Alto Hercílio. A mesma estava prometida à Companhia Colonizadora Hanseática, mas devido as divergências fronteiriças com o Paraná, foi impedido de levar o projeto adiante. Hoje esta região, onde tranquilamente poderiam ser instaladas 6.000 famílias, encontra-se nas mãos de especuladores de terras de Mafra e Rio Negro, que também gostariam de vender bilhetes das colônias, mas nada fazem para a preparação da terra. Quando avaliamos as outras terras de colonização das



quais ainda dispõe o Município de Blumenau e onde ainda poderiam ser instaladas tranqüilamente mais 3.500 famílias, o que não é um número exagerado, estão o município, inclusive a colônia Hamônia acomodar 12.000 colonos calculando cinco pessoas por família dando 60.000 pessoas.

Já se ouve falar esporadicamente da falta de terra, mas isto pode aplicar-se apenas à pequenas áreas. Porque, de acordo com o acima citado, ainda há bastante terra disponível para a colonização, se não começar uma intensa imigração; então podemos estar certos que a colonização terminará em 25 anos mais ou menos."

(A coleção do "Der Urwaldsbote" encontra-se no Arquivo Histórico da Fundação "Casa Dr. Blumenau".

---

## UM PONTO A CONSIDERAR SOBRE A HISTÓRIA DA QUÍMICA NO BRASIL

(Transcrito do Boletim da Sociedade  
Brasileira de História da Ciência, n.º 5, 9, (1987)

Antonio Salvio Mangrich - I.Q./U.F.R.J.

Uma nota marcante na história da química em nosso país é a da grande influência que sofremos de químicos alemães que para cá vieram desde o século passado. Segundo Schwartzmann (1), dentre as razões da forte presença alemã na química brasileira estão "os vínculos econômicos e migratórios que ligavam o Brasil à Alemanha até a década de trinta". Rheinboldt (2) também faz análise crítica do surgimento e desenvolvimento da química entre nós considerando marcante a presença dos alemães. Schwartzmann diz ainda que o interesse brasileiro pela química alemã talvez se explique pela tradicional vinculação entre a pesquisa química e a atividade industrial naquele país".

O Município de Blumenau no belo Vale do Itajaí, em Santa Catarina, é um exemplo da influência dos imigrantes alemães no desenvolvimento industrial. A antiga colônia de Blumenau foi fundada em 1850 pelo alemão Hermann Bruno Otto Blumenau que era tido por uns como médico e por outros como farmacêutico. Todos o conheciam como o doutor Blumenau. Com estes dados a frente fomos buscar fatos que revelassem a "vinculação entre a pesquisa química e a atividade

industrial" da Colônia, desde o seu início.

Consultando o ensaio biográfico sobre Blumenau de autoria de Carlos Fouquet (3), grande conhecedor da história da imigração e da colonização alemã no Brasil durante o século passado, verificamos que a sua formação era de químico.

Blumenau, inicialmente, estudou química como aprendiz de farmácia. "A prática farmacêutica era, então, geralmente considerada como o melhor preparo para o estudo da química". A seguir teve atuação destacada como sócio e diretor de uma fábrica de produtos químicos. Juntamente com Hermann Trommsdorff chegou a requerer patente sobre processos químicos industriais que desenvolveram. Mantinha relacionamento com grandes químicos alemães de sua época. Esteve em Londres com o notável químico inglês Thomas Graham a quem apresentou carta de recomendação de Justus von Liebig, famoso químico patricio seu. Obteve, em 1846, o grau de Doutor em Filosofia no Curso de Química da Faculdade de Filosofia da Universidade de Erlangem, Alemanha. A tese de doutorado, defendida "com distinção e louvor", teve como título: "Os Alca-



lóides e as Bases Salinas Afins em Suas Relações e Correlações Gerais”.

Em 30 de março de 1846, sete dias após a sua defesa de tese de doutorado em química, Blumenau partiu pela primeira vez para o Brasil. O Cônsul Geral do Brasil na Prússia, Johann Jakob Sturz, animara-o a vir assumir a regência das Cadeiras de Química e Mineralogia da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Para esse fim Blumenau adquiriu, na Alemanha, “valiosa instalação de laboratório”. Aqui chegando verificou que a Escola Politécnica ainda não existia. Nessa época havia, no Rio de Janeiro, a Escola Militar (1839-1858), que daria lugar à Escola Central (1858-1874), da qual se originaria a Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1874 (4). Como Blumenau chegasse ao Rio de Janeiro com carta de apresentação do Cônsul Sturz, que não gozava de simpatia de pessoas influentes, por ter aqui vultosas dívidas que contraía anteriormente, não conseguiu a posição de professor e pesquisador na única instituição onde isto seria possível, a Escola Militar. A carta de recomendação surtiria, assim, efeito contrário.

Destes episódios pode-se tirar duas conclusões importantes. A primeira mostra que os imigrantes do início da colonização de Blumenau tiveram apoio químico para implantar as atividades industriais. A outra conclusão a tirar diz respeito à história da química no Brasil como ciência: já em 1846 aqui chegava um químico com formação de pesquisador. Gostaríamos, ainda, de fazer uma observação final. Para Car-

los Fouquet, no episódio da regência das disciplinas na Escola Politécnica, Blumenau teria como único objetivo “prosseguir no estudo dos seus planos de colonização apoiado na base de uma ocupação segura como cientista oficial”. Achamos não ser fora de propósito, no entanto, aventar a possibilidade da motivação da primeira viagem de Blumenau ser a de professor e pesquisador de química. A idéia da fundação da colônia, embora já de há muito pensada, foi reforçada em razão da frustração da não realização do objetivo principal.

Com a palavra os estudiosos do assunto.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) Schwartzmann S. “Formação da Comunidade Científica no Brasil” Editora Nacional (1979), 115 - 119.
- 2) Rheinboldt, H. “A Química no Brasil” em “As Ciências no Brasil”, Volume II, Edições Melhoramentos (1955).
- 3) Fouquet, C. “Vida e Obra do Doutor Blumenau” em “Centenário de Blumenau”, Edição da Comissão de Festejos (1950), 52 - 115.
- 4) Pardal, P. “Memórias da Escola Politécnica” Biblioteca Reprográfica Xerox (1984), 193 - 196.

**Antonio Salvio Mangrich nasceu em Antônio Carlos - SC e é descendente dos Colonos de 1829 (São Pedro de Alcântara). Atualmente é Professor Adjunto do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro.**

#### VOCÊ SABIA?

— QUE, de acordo com publicidade inserida no jornal “Cidade de Blumenau”, edição de setembro de 1933, o então Banco de Crédito Popular e Agrícola de Bela Aliança, garantia, para um depósito de cinquenta mil réis (50\$000) mensais, um rendimento, após dez anos, com os juros que eram adicionados mensalmente, que atingia a importância total de 8:241\$870, ou seja, oito contos, duzentos e quarenta e um mil e oitocentos e setenta réis?

— QUE, em julho de 1933, o engenheiro Nicola Santo apresentou, no Rio de Janeiro, um projeto para a construção de um hidro-avião que teria a capacidade de transportar 300 (trezentos) passageiros e que seria utilizado em viagens regulares entre Rio de Janeiro e Buenos Aires? E que, segundo as previsões, cada viagem duraria cerca de 52 horas?



# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.  
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.  
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

S9015 B L U M E N A U

Santa Catarina

## INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

### SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

### A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"  
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"  
Museu da Família Colonial  
Horto Florestal "Edite Gaertner"  
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"  
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Afonso Rabe; vice-presidente — Antonio Pedro Nunes.

MEMEROS: Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urdá Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves



MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



**Cia. Hering**  
BLUMENAU - SANTA CATARINA